Spártacus

Ano I — Numero 22 | Endereço: Caixa postal 1936, Rio de Janeiro — Brazil | 27 de Dezembro de 1919

A dor de um sabio bolchevista russo

O professor Timiriazev protesta contra a intervenção aliada na Russia

No livro tão documentado e cheio de interesse que Arthur Ransome publicou em Londres, este observador imparcial dos acontecimentos da Russia, testemunha honrada da grande revolução, relata uma conversa que teve em Moscou com o ilustre professor anglofilo Timiriazev.

Este sabio, *o maior darwinista russo*, bem conhecido dos circulos cientificos da Inglaterra, membro da *Royal Society* e doutor pela Universidade de Cambridge, professa as doutrinas bolchevista. O grande homem de ciencia não hesitou com os seus oitenta anos de idade, enfileirar ao lado dos revolucionarios que os beleguins da imprœsa burgueza internacional caluniam sem tregua.

Ransome conta nestes termos a sua entrevista com o professor Timiriazev:

□ «O veneravel sabio estava sentado, vestido de um *robe de chambre* verde, porque o seu aposento era muito frio, e escrevia. Nas paredes viam-se retratos de Darwin, Newton, e Gilbert e outros homens de ciencia, contemporaneos que ele conheceu. Por toda a parte livros inglezes. Deu-me dois exemplares da sua ultima obra cientifica e o seu ultimo retrato destinados a dois amigos da Inglaterra.

Timiriazev vinha com sua mulher e um filho. Perguntei-lhe si o filho era tambem bolchevista. — Naturalmente, respondeu-me.

Leu-me então uma carta que escrevera, protestando contra a intervenção dos aliados. Falou-me do seu velho amor pela Inglaterra e pelo povo inglez. Depois, referindo-se ao véo de mentiras estendido entre a Russia e o mundo inteiro, baixou a cabeça para ocultar as lagrimas.

— Sofro duplamente, afirmou ele, depois de me pedir desculpa desta fraqueza de velho; sofro como russo e, si me é licito dizel-o, como inglez tambem. Tenho sangue inglez nas veias. Minha mãe tinha todo o ar britanico e minha avó era de nacionalidade ingleza. Sofro como inglez quando vejo o paiz que amo desorientado por mentiras, e sofro como russo porque essas mentiras afectam o meu paiz e as idéas que altivamente sustento.

O velho levantou-se com dificuldade porque, como toda a gente em Moscou, passa mal, e mostrou-me o seu Byron, o seu Shakespeare, a *Encyclopædia Britanica* e os seus diplomas inglezes.

Apontou-me os retratos pregados nas paredes exclamando: «*Si eu pudesse fazer-lhes conhecer a esses amigos da Inglaterra, protestariam contra actos que são indignos da Inglaterra que nós amamos.*»

Estas linhas simples e breves, em que Arthur Ransome, mau grado a sua fleugma e laconismo britanicos, mal dissimula a comoção, são eloquentes e tão tragicas como os sofrimentos impostos pelos aliados á Russia.

O povo russo, que foi o primeiro a pronunciar palavras de paz, é obrigado a fazer a guerra pelos sinistros e miseraveis politicos cuja ação nefasta os povos francezes e inglezes têm a fraqueza de tolerar.

A Russia sangrada e exgotada só pede paz e trabalho, pois os governos de Pariz e de Londres decretam a guerra e a destruição. O sabio russo Timiriazev dirigiu-se aos sabios inglezes seus antigos amigos.

O povo russo dirige-se a todos os povos, seus irmãos, e bradalhes: não deixeis estrangular a Revolução operaria que vos libertará um dia a todos!

D'Annunzio e os intelectuaes francezes

Por ocasião do golpe retumbante de Gabrielle d'Annunzio sobre Fiume, varios escritores francezes endereçaram ao «poeta-heroe» uma saudação de solidariedade e respeito.

Os intelectuaes do grupo *Clarté* fizeram, a proposito, a seguinte declaração:

«Alguns escritores francezes enviaram uma mensagem de respeitosa admiração ao coronel Gabrielle d'Annunzio, vencedor sem gloria de Fiume.

Os antigos combatentes filiados ao grupo *Clarté*, menos que ninguem, jamais esqueceram o que as letras devem á pena de Gabrielle d'Annunzio, mas não podem ocultar a sua indignação ao ver um artista da sua estatura pôr o seu talento e a sua vida ao serviço do nacionalismo assassino, quando terminada já se acha a guerra.

Não vemos nele sinão um soldado revoltado contra a causa da Humanidade, esta causa pela qual vertemos o melhor do nosso sangue.

Queremos crer, pois, que a dita mensagem, entre cujos signatarios se encontram alguns nomes que tanto estimamos, não é sinão a manifestação irreflectida de estétas, sem outro alcance.

Pelos antigos combatentes filiados ao grupo *Clarté*: Henri Barbusse, Georges Duhamel, Victor Cyril, Paul Vaillant-Conturier, Raymond Lefebore, Noel Garnier, Paul Lautelme, Jean d'Espouy, René Fanchois, Pierre Chaine, Henry Torres, Le Troquer, Eugène Berger».

De mil maneiras, a associação transpõe as fronteiras politicas, que são puramente convencionaes, e que fazem, da divisão da Humanidade em Estados independentes e hostis, um absurdo cientifico. — NORMAN ANGELL.

Não vês?

Tu não vês, ó proletario, estas cousas espantosas? que enquanto sofres miserias nada o rico em mar de rosas?

Tu não vês, pobre iludido, não teres lugar no mundo? — escravo que estás vendido —, o teu tormento é profundo!...

Tu cres em Deus, porque vives debaixo de explorações?

Não vês a Terra retida pelos nobres das Nações?

Não vês teus filhos chorando com frio, com sêde e fome? tu que produzes cantando o que teu lar não consome?

Tu que sustentas a guerra e confortas a nobreza, deixas roubar os tezouros do seio da Natureza?

Tu que vives enxotado dos banquetes e das festas a parecer engeitado pelo confins das florestas...

Tu não vês, tolo mortal, que si tens enfermidade não tens meio de tratar nesta iniqua sociedade?

Tu não vês pobres creanças tiritando sem abrigo? inocentes esperanças atiradas ao castigo?

Tu não vês a honestidade trazer trapos por vestidos?

Prostitutas gastar sedas á custa de máos maridos?

Não vês meninas tão belas com sedução imoral e pobres moças donzelas lá num catre do hospital?

Não vês mães chorando aflictas sem leite para os filhinhos? que quasi sempre sucumbem de sêde, pelos caminhos?

E porque não te revoltas contra tanta iniquidade?

Por ter medo das escoltas desta podre sociedade?

Protesta pois, desgraçado, porque tudo é barbaria! Dês um viva á Nova Russia e aos principios da Anarquia!

Adalberto Vianna

Epopéa da Hora

Olhae, irmãos de angustia e sonho, o que se passa
Na Terra que estremece aos clamores humanos:
Em cada ponto surge um punho em rija ameaça,
E em cada ameaça estruge a dor de dois mil anos!

A pova ignara acorre, em tùmultos, á praça
E brame, e agita, e cospe a face dos tiranos,
Na insolencia feroz do guerreiro que traça
Da pugna decisiva os derradeiros planos!

No sub-solo da vida anonima se escuta
Um continuo estalar de grilhões, perseguido
De hosanas de alegria e rumores de luta...

E' o momento que chega, a inconsciencia que cessa,
O homem que se liberta e a ferro encandecido
Arranca deste mundo a biblica promessa!

Rio, 919.

Renato Arantes

A voz dos deportados...

Carta de Silvio Antonelli

«Certo de que o sr. director saberá e quererá colocar acima de possiveis e eventuaes dissenções politicas o sentimento humano, sensivel ás dôres que agora, mais do que nunca, vergastam a terça parte da humanidade, envio-lhe a presente com a certeza de que não deixará de lhe dar publicidade.

Fui preso no dia 22, ás 7 horas e meia da manhã, quando ainda estava no leito, por um sub-delegado e cinco agentes á paisana, os quaes, tirando partido do facto da porta de entrada estar entre-aberta, entraram, convidando-me a acompanhal-os com estas palavras textuaes: — «Vamos dar um passeio até o Gabinete» — intimação á qual eu me submeti sem protesto e, depois de vestido, segui a pé os honestos visitadores matutinos.

No mesmo dia, ás 7 horas e meia da noite, sem ter sido interrogado, mas tendo sofrido em troca toda a sorte de suplicios, moraes e, mesmo sem ter comido coisa alguma, porque, por ordem do dr. Virgilio Nascimento, não nos foi permitido obtêr alimento nem mesmo por nossa propria conta, nos fizeram tomar automoveis fechados e bem guardados, a mim, Damiani, Zanella e sete operarios de Santos, entre os quaes Manoel Perdigão em pessimo estado de saude, com destino á Estação do Norte, onde um vagão especial tirado pela respectiva maquina, e uma guarda de vinte soldados do 2.º batalhão armados até os dentes, comandados por um oficial, nos aguardavam para servir de escolta ao longo da viagem.

Descemos na estação de Cascadura ás 7 horas e meia da manhã seguinte — dia 23 — depois de 11 horas e meia de horrivel percurso, sem termos podido nos afastar dos logares que nos tinham sido designados na hora da partida, por motivo de ordem publica...

Havia 24 horas que nem eu, nem Damiani, nem Zanella comiamos, a não ser um pedaço de pão e fatias de salame que o oficial, gentilmente, por nossa conta, mandou comprar antes de partirmos de S. Paulo.

Um batalhão da policia federal, comandado pelo major Julio Rodrigues, nos recebeu ao descermos do trem com todas as precauções e as honras que a rara circumstancia reclamava. A distancia que nos separava do Rio de Janeiro fizemol-a em tres automoveis — «viuvas alegres». — Chegámos á Penitenciaria ás 8 e meia; ainda desta vez nenhum interrogatorio; no entanto, separam-nos dos sete operarios de Santos. Perdigão, em um estado de piedade, é transportado para a enfermaria e nós tres, depois que as autoridades competentes se haviam assegurado de que as nossas algibeiras estavam em bom estado, nos asseguraram um alojamento de trez metros de comprimento, por um e cincoenta de largura e um e oitenta de altura.

Finalmente, á uma hora da tarde, depois de 30 horas de jejum forçado, fizeram-nos a gentileza de nos dar o que comer.

Viaja-se de novo, são 2 e meia horas; um carro celular tirado por dois cavalos nos conduz ao porto, onde, chegados, descemos para tomar logar em uma lancha, a qual nos conduz precipitadamente para o largo. Comnosco estão: o secretario do consul italiano do Rio, outras pessoas para nós desconhecidas — gente honesta, com certeza — e varios agentes de policia de S. Paulo e do Rio.

A lancha acelera a corrida; voltamo-nos para comprehendermos a causa e comprehendemos. O *Principessa Mafalda* avisinha-se da lancha. São trez horas. O transatlantico pára, a lancha se lhe encosta ao dorso e nós, na escada de bombordo, somos convidados a subil-a.

Eis-nos a bordo, como exilados, navegando para o paiz nativo, sem nenhuma culpa, nem justificativa, sem a minima satisfação, sem sabermos o como nem o porque é.

Agradecendo-lhe, etc.

Bordo do *Principessa Mafalda*, Dakar, 31-10-919.»

Silvio Antonelli

(Do *Fanfulla*, S. Paulo.)

NOSSO NATAL

Sabado ultimo, ao passar pelo ponto onde costumo ler, de afogadilho, os jornaes diarios e as révistas cariocas dei, logo ao sentar, com os olhos na capa d'*O Malho*, uma trichromia sugestiva, sublinhada por estas palavras: «Natal maximalista».

Sobre o fundo escuro dos espaços infinitos, destaca-se um colosso humano em vermelho de brasa, com o punho esquerdo cerrado numa vigorosa ameaça, caminhando, a grandes passadas, e numa atitude severa sobre o globo terraqueo, em cuja superficie explode uma dinamite.

Tomando da revista comecei, a principio, de admirar o trabalho na qualidade de impressor que espera pelo advento da igualdade economica para voltar á oficina, logar em que até 18 anos consenti, embora sob surdo protesto, na exploração de minhas actividades em beneficio do regalo patronal.

Passando depois á analise estetica deprehendi que o autor da trichromia não conseguira firmar, ali, sua intensão de simbolizar o terror vermelho a invadir a quietude dos lares, nesta data tradicional entregues á comemoração do presuposto nascimento do menino Jesus.

Digo que o não conseguira por isso que a impressão que o quadro desperta não é de aversão ou repulsa, mas de simpatia e adesão áquele simbolo, cujas côres berrantes e vigor de fórmas sintetisam o esforço extraordinario daqueles que se agrupam, orientados por principios de justiça e saturados das lições historicas, afim de imporem energicamente a verdade que não póde ser aceita sem violencia.

Essa intuição aproximada das coisas que espalhou clarões de relampago no nosso sub-consciente trahio o pensamento do autor da gravura, sufocando a má fé que lhe dirigira a inspiração, para resaltar indelevel nos minimos detalhes de seu trabalho com que ele proprio o presentisse.

O relevo brutal da musculatura, a tumecencia dos tendões, a energia e pressa dos passos largos e firmes, o punho rijo, a caixa do peito inflada a um hausto de respiração herculea, a cabeça arrogante dessa figura, mostram claramente que o maximalismo é uma força terrivel, invencivel e como tal inevitavel que, em passando, destróe e esmigalha quanto se lhe oponha na marcha predeterminada pelos factos, e não uma praga que se deva combater, taes as da lenda biblica, como pretendera, naturalmente, simbolizar, em traços incisivos, o autor.

Eis como a verdade triumpha, brilha e fala pela propria boca de seus inimigos.

O simples facto de ser o maximalismo representado ahi por uma figura humana, e vigorosa como essa, atesta os sentimentos altamente humanos que são a base vital da doutrina.

Não fôra assim e ele seria representado por um monstro amorfo que inspirasse, logo, essa repugnancia que nos inspira o respirar dificultuso de um polvo ou o terror que incutia aos viandantes a hidra de Lerna.

E' que a verdade tem uma tal força de aliciamento que, imperceptivelmente, se infiltra pelos póros da personalidade mais impermeavel, confundindo-se com os demais elementos de formação individual, para reçumar, seja na fórma da incoerencia, seja em qualquer outra particularidade, nas manifestações exteriores mais hermeticamente acomodadas ás conveniencias.

Por isso é que jamais voltei meu odio contra os inimigos reaes da causa com que nos identificamos desde o primeiro assomo de rebeldia, ou contra os pseudos inimigos nossos, isto é, esses que, por psitacismo, repetem automaticamente que o anarquismo é uma utopia e simultaneamente a destruição da humanidade, e que o anarquista é um elemento perigoso, explorador do operario, arruaceiro e isto e aquilo.

Na faina grotesca de desmoralização da doutrina e de seus defensores, não fazem mais que divulgar os ensinamentos que propagamos, despertando consciencias que permaneciam indiferentes, provocando a acção de espiritos que, por viciosa formação, passavam pelas amarguras deste planeta na mais completa inobservancia das coisas a que estão ligados por laços indissoluveis.

"O Malho", pois, que é uma revista burgueza, mercê do pincel do Sr. Mario, a estas horas já levou aos quatro cantos do Brazil, o simbolo da força e da energia que lhe embeleza a capa, ensinando ás populações pacatas dos sertões que essa força se chama maximalismo e que o maximalismo é a preocupação principal do momento.

Nós, aqui, do "Spartácus", pela deficiencia de meios e caracter do jornal, não poderiamos, talvez, levar tão longe e num raio de extensão tamanha, nossas palavras rebeldes.

Mas o "Natal maximalista" do "Malho" não me provocou somente esses comentarios. Mais do que isso, numa confusa associação de idéas, — ora retrocedendo á infancia vivida num modesto recanto do interior de S. Paulo, ora tergiversando pelas reminiscencias da mocidade, que me tem sido um vasto tirocinio de vicissitudes, pairando aqui para definir um gesto, ali para interpretar uma atitude, em outro ponto para evocar um assomo que me encheu de orgulho, — eu percorri toda a trajectoria inconsciente da minha iniciação libertaria, para chegar á consciencia do meu anarquismo de hoje.

E me lembrei de que, desde quando as necessidades vitaes me arrancaram do limiar em que vivi os melhores dias, nunca, nunca mais voltei, no natal aos serões em familia.

Andei por estes mundos vendendo minha energia, que não é dos menos efficientes, sem nunca poder reservar ceitil para retorno, nas festas de natal, ao lar dos que me são estremados e que, máo grado o meu esforço, festejam o natal por espirito religioso, quando deveriam, segundo o que lhes tenho dito, se servirem deste pretesto para invocação da solidariedade humana.

E, emquanto lá, longe, eles embalde esperam por mim, nessa tristeza carecteristica dos que nunca viram seus humildes desejos satisfeitos, eu, nesta hora de anceio, com os camaradas daqui passamos "o nosso natal" que se cifra nos preparativos tacitos de acção e na certeza jubilosa de que nos chega a hora grata do sacrificio util da vida.

João Russo

Si a guerra existe, é porque ela tem os seus profissionaes, pessoas que a cultivam e que vivem dela, e dos quaes ela é o oficio e o ganha-pão. — CHARLES RICHET.

Pró Jornal Operario

DUAS CONFERENCIAS

Proseguindo na serie de conferencias promovidas pela F. T. R., realizam-se amanhã duas, a primeira ás 16 horas na séde da U. O. em Fabricas de Tecidos, sendo orador o deputado Mauricio de Lacerda e a segunda ás 20 horas no Centro Cosmopolita, onde falará o nosso camarada Alvaro Palmeira.

Estas conferencias destinam-se a auxiliar a publicação da «Voz do Povo», orgão da F. T. R., sendo, por isso, a entrada a 1$000 réis.

ANO NOVO

CARTA A UM AMIGO

Amigo Caro.

Feliz Ano Novo! Bôas Festas! E' com essas exclamações que todos,—nesta epoca em que o velho ano morre e desce á tumba debaixo de um côro de maldições que lhe atira a humanidade de mais uma vez ludibriada — saudam amigos, parentes, conhecidos. Nós vemos assim um colossal movimento de correspondencia, que faz afluir nas casas os postaes, os cartões de bôas festas, e, ás vezes, os presentes mais variados. Essas reciprocas saudações e cumprimentos, que a humanidade nesta epoca tem por habito trocar, revelam-nos mais um aspecto da hipocrisia social. Sim, hipocrisia! Nada mais do que hipocrisia e baixeza, além de ridiculo. Ridiculo, porque apezar dos votos e das felicitações o novo ano iniciará e findará seu curso normal tal qual o ano anterior, pouco se importando com o maior ou menor numero de saudações que os homens se trocaram, e o que tiver de suceder sucederá, apezar dos votos e das hosanas entoadas. Hipocrita e baixo — e é isto o que motiva a minha investida — porque quasi nunca as expressões trocadas correspondem ao verdadeiro estado de alma dos individuos que se saudam.

E nós vemos dois seres expandirem-se em melifluas e assucaradas palavras de estima e afecto, quando seus verdadeiros sentimentos são completamente opostos aos brindes com que se mimozeiam.

Eles desejam mutuamente que a ruina, a desgraça, a bancarrota lhes penetre em casa, e saudam-se amigavelmente! Miseria das miserias! E' baixo, é vil, é mesquinho, mas é exacto!

Porém isto não nos deve admirar, não nos deve espantar e fazer perder a verdadeira noção dos factos; com calma, com lucidez e com paciencia procuremos considerar as cousas pelo seu verdadeiro prisma, e assim justificar os acontecimentos.

A sociedade actual está corrupta até á medula, está prostituida até á raiz dos cabelos. Num ambiente onde o interesse impera—não póde haver dignidade, não póde haver honradez, embora o individuo seja digno e honrado. Ele deve — mau grado isto lhe repugne — passar por cima de todos os sentimentalismos, passar por sobre o amor, passar por sobre o caracter, espezinhar a justiça, destruir a verdade, aniquilar a razão, pulverizar o afecto. Ele deve — mau grado isto lhe pareça monstruoso — abandonar e sacrificar o ideal pelo interesse, porque o interesse é a base de sua vida, porque o interesse é o recurso para que sua existencia não sofra alterações e siga seu curso normal, embora não seja o interesse nem a méta, nem o fim de sua vida.

E é neste meio—oh! deuses escutem!—é neste meio que se quer encontrar a felicidade humana, isto é, a honra, a justiça, a dignidade, a razão, o amor, a paz; pois a felicidade para um ser justo não é possivel sem a honra, sem a justiça, sem a dignidade, sem a razão, sem o amor, sem a paz — porque na falta de tudo isto a felicidade é letra morta.

Mas tu exageras, caro amigo, dir-me-ás neste ponto. Absolutamente não, e tu proprio m'o provarás.

Quando, por um acontecimento qualquer sensacional, tão frequente aliás, nós percorremos com avidez as colunas dos jornaes á procura de noticias e pormenores; de qualquer maneira seja o facto acontecido; si um assassinato, si um roubo, si um furto, si uma tragedia passional; si um escandalo; si a cronica se refere á baixa ou á alta roda; os comentarios não faltam, chovem e são sempre os mesmos, sempre criticos, mordazes, irreflectidos: que ladrão, que aguia, que bandido, que monstro, que covarde, que crapula, que coragem, que vergonha, que burro, que manganão, que astuto; fez muito bem, fez muito mal, etc., etc. E assim, com uma apostrofe, com uma expressão mais ou menos atirada ás cegas, repudia-se ou eleva-se, condena-se ou absolve-se um individuo.

Os botanicos, para classificarem uma especie de planta, por mais insignificante que seja, empregam diversas paginas; e a nós, para pronunciarmo-nos sobre um individuo da especie humana, basta um adjectivo!

Edificante, na verdade!

E as criticas, e os libelos, e as acusações, e as injurias, não param aqui; engigantecem, prolongam, alastram-se, ganham as conversas dos cafés, dos grupos, dos clubs, das ruas, das praças; tomam vulto, avolumam-se, formam o assunto do dia; e o obscuro protagonista é durante semanas o fim de todas as disputas, de todas as controversias, de todas as apaixonadas discussões.

E isto seria nada, si as discussões obedecessem a um juizo justo e ponderado do facto; mas ao contrario, os comentarios são os mais disparatados, os mais absurdos, quer partam do publico ou da propria cronica da imprensa. E não póde ser diversamente—porque para averiguar e elucidar o facto, os homens, em vez de procurarem a *causa* que o determinaram, somente acercam-se do *efeito*.

Porque a causa de todo e qualquer acontecimento que se verifica está na organisação e sistematisação da sociedade. E diante deste facto, unico justo e verdadeiro, ruem por terra todas as conclusões, todos os juizos, todas as analises; não têm mesmo valor algum nem as ponderações de um criminalista como Lombroso, ou de um psicologo como Balzac.

E a causa é sempre a mesma; o efeito póde ser diverso, mas tem por origem sempre a mesma causa, porque essa é imutavel.

Um raio que desce á terra, póde matar, cahindo, um homem, uma mulher, uma criança ou um animal; ou póde destruir uma casa, um teatro ou uma igreja; — neste ultimo caso o mal não seria grande—e póde tambem não causar prejuizo algum; estes são os efeitos da quéda do raio, os quaes são, como se vê, muito diversos uns dos outros; a causa, porém, é sempre a mesma; as nuvens, no ar, correm, encontram-se, chocam-se, empurram-se; esses empurrões e encontros entre as nuvens produzem os relampagos, essas centelhas formidaveis que quando chegam até nós provocam um barulho estrondoso e formam *o raio*.

E assim como o raio tem uma só causa e diversos efeitos, assim tambem todos os acontecimentos que se desenrolam na vida da humanidade; sejam esses acontecimentos tragicos ou comicos, sérios ou ridiculos, justos ou injustos, nobres ou hipocritas, demolidores ou creadores, simpaticos ou abjectos, todos têm como causa unica, todos têm por origem a actual organisação social. E essa organisação — é preciso dizer-te, ó caro amigo? —é pessima sob todos os aspectos. E é aqui que eu te quero; é aqui que tu deves revelar-te e pronunciar-te pró ou contra a minha opinião. Porque eu analisando o equilibrio com o qual é mantida a actual organisação, achando-o injusto e imperfeito, condeno-o; e condenando-o, condeno todos os que lhe dirigem o mecanismo e todos os que se esforçam e trabalham para sustental-o e mantel-o: os papas, os reis, os presidentes, os oficiaes, os soldados, os padres, os juizes, os senadores, os prefeitos, os governos, as policias, os magistrados, a imprensa, os literatos, os jornalistas; porque toda essa gente, acolitada em torno da regencia da organisação actual, é uma gente prostituida, é uma gente vendida; ou é uma gente cretina, á que falta a necessaria lucidez para compreender onde está a justiça, onde está a verdade, onde está o amor. E eu portanto os desprezo, os abomino, os insulto e os lanço á podridão d'onde proveem, á podridão onde rastejam, onde vegetam, alheios á dignidade, alheios á honra, alheios á justiça, alheios á virtude; acolitados e aliados aos indignos, aos deshonrados, aos injustos, aos viciosos; uniformisados com os hipocritas, com os despotas, com os tiranos, com os cupidos, com os degenerados. E proclamo-me rebelde. Sim, sou rebelde. Rebelde porque não me conformo com as miserias, com as desgraças, com os infortunios, com os sofrimentos, com as iniquidades, com toda essa soma enorme de suplicios, com que uma minoria, que se arregimentou no poder, condena a humanidade. E a humanidade que sofre, que sangra, que verte lagrimas, causa-nos um espectaculo doloroso, indigno. E contemplando tanta miseria na face da terra, nós nos perguntamos si é verdadeiramente impossivel transformar a sociedade, renoval-a e educal-a na pratica do bem. A escutar os espoentes da ordem, os governos, as autoridades, o clero, essa transformação almejada é impossivel; e a nós não nos resta sinão conformarmo-nos com o actual estado de cousas e proseguirmos ofegantes, dolorosamente, pela estrada agreste da vida.

Mas aprofundando as pesquizas, mas averiguando os factos, mas investigando, mas estudando os temas sociaes, verificar-se-á que é possivel levar o mundo por uma senda justa e leal. E então, isto verificado, uma onda violenta de sangue nos subirá á cabeça, um influxo poderoso de odio nos invadirá a alma uma cólera ferina se apoderará de nosso ser; e essa violencia e esse odio e essa cólera se desencadeiam tremendos e implacaveis contra os que se antepõem á obra de evolução que trará ao mundo a felicidade.

Mas essa felicidade só será possivel havendo no mundo a Liberdade, a Egualdade, a Fraternidade. E essa trilogia do bem, é o que não agrada, é o que não convem, é o que não serve aos tiranos de todos os matizes, aos detentores do mundo e da riqueza, á corja parasitaria subornadora da humana felicidade, que opõe á nossa trilogia sagrada e do bem, a trilogia hereje e do mal: querer, poder, mandar. E eles, para satisfazer, para perpetuar esses seus desejos, *para ser mais homens perante outros homens*, sustentam o actual estado de cousas. E ao redor dos poderosos, das testas coroadas, dos papas e dos reis, dos cardeaes, dos presidentes e dos ministros, dos generaes e almirantes, dos crassos e crapulas burguezes e pançudos capitalistas, desses astros de primeira grandeza, gira um numero infinito de satelites, haurindo a luz, colhendo os despojos que os astros lhes atiram, vivendo de sua misericordia, á sombra de seu poder, á mercê de seu ouro.

Taes são os literatos e escritores de pouca valia, os jornalistas de profissão, os funcionarios das publicas repartições, gerentes, chefes, directores, secretarios, os padres, os pequenos industriaes ou negociantes; os oficiaes, os soldados, e até simples obreiros; n'uma palavra, todos os que justificam e se conformam aos actos da governança. E essa gente toda, mesquinha e vil, mais do que asco e desprezo, provoca-nos compaixão; si os sanguesugas imperterritos, ricos e poderosos, provocam-nos colera e odio, eles não atraem sobre si sinão compaixão.

Mesquinhos e baixos, quasi vermes asquerosos, pobres atomo-comparsas obscuros, personalidades nulas no cenario humano, a alma vendida e prostituida, o corpo acorrentado ao amo, á vontade agrilhoada, incapazes de um gesto siquer nobre e altivo.

E que contraste e diferença a nós comparados: pigmeus perante gigantes! Nós, rebeldes; nós repudiadores de todas as covardias e tiranias; desprezadores de deuses e amos; que não nos curvamos perantes papas, reis, juizes, magistrados; que não toleramos, não reconhecemos nada que se relacione a poder, nada que provenha da ordem actual.

E somente nós é que vivemos; somente a nossa vida é que é vida; exuberante, intensa, porque é livre, porque é independente, porque não obedece a leis, a autoridades, a vis interesses; porque passa por sobre as convenções hipocritas e legaes, livre de preconceitos baixos, livre da influencia e dos desejos de senhores e poderosos.

Que goso, que prazer, que alegria, sentimos em assim viver! Que satisfação para uma alma livre e ávida da verdade, da razão, da justiça!

E que sangue puro, e que obras fecundas, e que actos sublimes e que vivacidade uma vida assim nos proporciona!

Num ambiente corrupto como este, só vive o rebelde. O uniformisado ao ambiente não vive, vegeta, arrasta-se no lodo, consome-se na lama, apodrece no charco.

E é a nós, é aos rebeldes, que correm, que se juntam os espiritos fortes, as almas sãs, os caracteres impolutos. As nossas fileiras aumentam dia a dia; os desejosos de paz, de amor, de justiça nos procuram; os genios verdadeiros e livres dedicam-nos suas obras, seus poemas; é assim que passamos de Zola e de Reclus á Gori e Barbusse; de Bakounine e Tolstoi a Kropotkine, a Ferrer, a Gorki; é um verdadeiro ino á rebeldia que se levanta nas terras e nos mares, de um polo a outro; porque hoje na rebeldia está condensada a chama de justiça, porque é a rebeldia que há de dar ao mundo: Liberdade, Egualdade, Fraternidade.

Terminando com uma saudação ao rubro penacho que esvoaça aos quatro ventos, peço-te caro amigo, desculpas por tão extranha missiva de boas festas, e creia na sinceridade de teu

Gladiator!

(Campinas)

"Spártacus"

Por motivo de força maior o camarada Astrogildo teve de ausentar-se do Rio imprevistamente, por uns dias, e isso desorganizou um tanto os nossos serviços de redação, obrigando-nos a reduzir esta edição para duas paginas.

A moral de uma sociedade livre nunca poderá admitir uma obrigação ou uma sanção; não pode ser nem monarquia, nem aristocratica, nem religiosa, nem burgueza; deve ser livre ou deixar de existir. — EMILE JAUVION.

O ser anarchista

O camarada Miceli, antes da sua iniqua deportação, enviou-nos da cadeia, onde estava detido, as seguintes linhas, que são uma afirmação de fé e de energia.

Ser fugaz e imperceptivel no meio do oceano sem margens da vida e da tranformação universal, com uma eternidade ignorada atraz de si e uma tambem ignorada eternidade á sua frente, o homem conciente da sua missão humana, a despeito da sua pequenez em relação ao concerto universal — procede, altivo e calmo á luz clara do pensamento.

O homem moderno, pois, acolhe com ardor a verdade, repudia enjoado o erro e a falsidade.

O homem de honra e de inteligencia, sem preocupações ou preconceitos deve mover-se, mesmo no meio do mais acêso da luta dos interesses e das funções, seguro e sereno, tendo como unico guia a luminosa ciencia que o levará a sua completa emancipação moral esocial.

Rio, 16-12-919

G. Miceli.

Correspondencia

Aos camaradas e amigos que me escrevem, peço me desculpem a falta de resposta directa. E' que, nas sobras de tempo de escrevinhação obrigatoria para o jornal, penso em tudo no mundo, menos em escrever seja o que fôr. De ora em diante, porém, responderei por esta secção a todos — em estilo telegrafico, está bem visto.

Prof. H. Guimarães — Excelente a sua sugestão. Serão enviados os jornaes.

J. P. Gutiierrez — Manda o que puderes. Naturalmente havia encalhes e não has de pagar jornaes que não vendeste. Não haverá lá ninguem que te substitua?

J. Avi — Recebido tudo. Já enviei quanto pedias.

E. Outoria — Pode mandar o artigo, mas que não seja demasiado longo. Quanto ao debito, manda o que tiveres apurado na venda.

A. de Neguete — Os pacotes atrazados têm sido remetidos aos poucos. Si não receberes todos, reclama. Andam ao todo em 20 pacotes de 60.

J. A. dos Santos — Enviei o que pedia.

V. Pessanha — Recebida a lista com os competentes. Si o Marotta não recebeu os jornaes é que o correio ficou com eles. Renovo a remessa.

A. P.

Numeros atrazados

Temos um regular stock de numeros atrazados de *Spártacus*, que vendemos á razão de 1$000 por centena de exemplares.

A sua distribuição entre os trabalhadores fará boa propaganda, além de constituir a sua compra um auxilio não desprezivel para o jornal.

Os pedidos devem vir acompanhados da importancia correspondente.

De ocasião

Carta aberta ao Exmo. Sr. Dr. Nuno de Andrade, «et ejusdem concomitante caterva».

Conselheiro.

Extranho ha de parecer-lhe que, desde as humildes columnas dum jornal operario, e por isso mesmo o unico na imprensa brazileira em que se permite dizer a verdade, venha eu, desprotejido das qualidades literarias que tanto adornam o genio privilégiado, sarcastico, casuistico e caustico de V. E., mostrar-lhe uma brecha, pela qual possa incidir de cheio e com plena luz, sobre a complexidade das causas e efeitos, que tanto vem preocupando a V. E., e seus contendores, nessa questão do cambio: visto que, por timidez ou por excessiva sensibidade, anda só bordejando, sem atrever-se a lançar ancora no logar onde as irisações magicas e fulgurantes do sofisma, ficam em completa mudez, despidas da sua rôpagem arlequinesca.

Peço-lhe perdão pelo atrevimento; mas, ha de concordar que tratando-se de assunto publico e não estando mais naqueles ominosos tempos em que o espirito humilde do operario sofria opresso e escravisado a vassalagem do silencio em odas as questões que os prôceres crueis e deshumanos debatiam interesses proprios, contando para defendel-os com o suor e o sangue do infeliz trabalhador, seja licito aos pequenos levantar o seu grito estridente no desconcerto da desharmonia universal.

Ha de concordar, sim, em que outros ares se respiram; que o Hercules social com a sua formidavel moça quebrou as correntes e algemas do novo Prometheu, e d'ora avante, não lhe será tão facil ao abutre devorar-lhe as entranhas.

Estas linhas, que servirão para todos aqueles que consigo contendem, as dirijo de preferencia a V. E. porque é meu conhecido...

Desde aqueles tempos bons, Quando o nosso prazer era ir atraz das borboletas: desfolhar as flores belas e fazer casas e torres, com paus e barro na areia... Naquele tempo V. E. sempre dizia: — O padre fede. Hoje tem evoluido tanto, tanto, que não se conhece!

De larva qne era, tranformou-se em lagarta, que, bem depressa metamorfoseou-se em bicho cabeludo cujos pêlos formavam uma irisação chromatica e perfeita do espectro luminoso.

Depois formou o casulo, recolheu-se á caverna para meditar, concentrado, como fez Mafoma antes de escrever o Alcorão; converteu-se em crisalida, seguindo sempre a evolução da natura, e quando foi tempo, sahiu perfeita borboleta furta côr, que encanta e seduz, a todo aquele que de perto o examina.

Eu tambem era larva qual V. E. e cheguei a lagarta, porém não mais evolui; naquela mesma forma cresci, cresci até chegar ao que sou hoje, horrivel jacaré com uma dentuça tão feia, que é capaz de produzir calofrios em todos os germinianos da franca, com a sua cohorte de janizarifados.

Dahi que as suas palavras mordazes e ferinas, são um regalo para quem as lé, emquanto as minhas despidas de atractivos serão um tormento.

Não obstante pretendo chegar até o fim.

Tenho observado, Conseleiro, que, devido talvez, a influencia que exerce sobre si, escrever no jornal dos cinco condes papalinos, fala sempre de Deus e da Providencia, mesmo em assuntos de cambio e de «pecuniá», que são, ao meu ver, o seu tema favorito.

Somente que, por mais que tenha mortificado minha atenção, ainda não descobri de que deus fala.

Ignoro si se dirije a Arimam, deus dos brahamanes, ou si se submerge na contemplação do deus — natura dos pantheistas; não se descobre si invoca a Osiris, transformado em boi Apis, deus dos egipcios; ou áquele outro deus de Mafoma que oferece para depois da transmutação um paraiso povoado de odaliscas e deliciosas ouris. Não sei si se refere ao deus dos metodistas e das mil e setecentas seitas em que se divide o protestantismo, ou si adora o Deus dos catolicos romanos.

Inclino-me a crêr que o unico deus a quem V. rende acatamento, é a esse outro que os israelistas erigiram no Deserto, emquanto que Moyses palestrava com Jehovah, no monte Sinai, isto é: o Bezerro de Ouro.

Esse sim que é um deus positivo e providencial.

Não tem outra explicação as "Providencias" a que alude na debatida questão do cambio, com o seu antagonico opositor Augusto Ramos.

O seu famoso schema interessou-me porque é verdadeiro e porque nele se levanta uma pontinha do véo que encobre a enorme malandrice e patifaria de todos aqueles que vivem do suor do pobre trabalhador. Tambem li com atenção as preliminares do seu competidor e só achei que elas são uma ficção abstrusa, cujos fins seriam tirar commodamente pele e osso do infeliz operario que é o verdadeiro productor.

Numa cousa parece que concordam ambos: em que com cambio alto ou com cambio baixo a ruina do lavrador e a miseria do trabalhador é inevitavel.

A esse respeito, um companheiro meu de oficina, recitava-me dias passados uma quadrinha que V. E. com certeza ouviria contar quando esteve lá na Hespanha vendo touradas nos madriles e nas andalucias. Diz assim:

— Ni contigo ni sim ti mis males tienen remedio; contigo porque no vivo, y sin ti porque me muero.

De um ou de outro modo o fazendeiro se aruina e as victimas imediatas, presentes, preteritas e futuras, não ha que dizer, são os trabalhadores.

Chegando a esse ponto param: não se atrevem a dar mais um passo na afirmação da verdade; temem que a luz destaque em seu aspecto verdadeiro o objetivo real dessa ruina e dessa miseria; e por falta de coragem ou sobra de malicia, volteiam como marifonas ao redor da chama, por precaução a distancia, para não [illegible]nar as azas porque senão, — adeus minha prosa!

Não, não dirão a verdade toda: contentar-se-ão com meia duzia de conceptos sophisticos e nada mais — Para que remexer em cousas podres?

Mas, o objecto destas linhas é esse. Servir de complemento para formar o quadrante exacto, reduzindo os angulos ás suas proporções equanimes e destruir as ficções que pela tangencial do sophisma escorregou e saltam pretendendo figurar como axiomas inconcussos, de soluções iminentes.

Leontino Ferreira

(Conclue no proximo numero)

Administração

N. 21

ENTRADAS

U. dos Alfaiates	50$000
Venda avulsa	120$000
Lista 70 A	35$000
" " 69	12$000
Extra (M. Leal)	9$500
A. Fernandes	20$000
V. Pessanha e outros	63$000
Saldo anterior	309$600
Total	619$100

SAHIDAS

Composição e impressão	400$000
Telegrama — P. Alegre	9$300
Carreto	8$000
Selos	20$000
Passagens	5$000
Redação	28$000
Administração	35$000
Total	505$300

RESUMO

Entradas	619$100
Sahidas	505$300
Saldo	113$800

EXPEDIENTE

Spártacus *publica-se sob a responsabilidade de um Grupo Editor, estando a sua redação e administração a cargo de Astrojildo Pereira.*

* *

A redação e administração de Spártacus *acham-se provisoriamente instaladas no largo de S. Francisco, 36, 1º, sala 10. Toda a correspondencia, porém, deve ser enviada exclusivamente para a* Caixa Postal 1936, Rio de Janeiro.

* *

As assinaturas de Spártacus *podem ser tomadas sobre a base de 1$000 por serie de 12 numeros.*

* *

Preço para os pacoteiros: 1$000 por pacote de 12 exemplares.

* *

Spártacus *aparecerá aos sabados, emquanto não puder publicar-se diariamente, sendo de 100 réis o preço do numero avulso para todo o Brazil.*